

O que deixou de ser Super interessante na divulgação de ciência em revista¹

Alessandra Pinto de Carvalho²
Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma avaliação sobre as mudanças ocorridas no conteúdo editorial da revista Superinteressante, especialmente sobre os temas de ciência, no período de 1994 a 2011. A importância desta reavaliação é dada pela oportunidade de marcar o momento em que a revista completa 25 anos de circulação no mercado brasileiro. A publicação é polêmica quanto a sua validade como meio de popularização científica. Como base metodológica, é feita uma análise de conteúdo comparativa com critérios e informações contidas na dissertação apresentada por Carvalho em 1996. Com a comparação feita entre amostras de períodos diferentes, é possível constatar que a revista deixou de privilegiar a ciência como assunto atrativo, embora faça uso de fontes acadêmicas para fundamentar ou dar legitimidade a determinados assuntos.

Palavras-chave: jornalismo; divulgação científica; revista; Superinteressante

Introdução

Há 25 anos foi lançada no Brasil a revista Superinteressante, da Editora Abril, que se consagrou como uma revista de popularização de informação científica e cultural. Em setembro de 1987, surgia nas bancas o resultado do projeto editorial que prometia ampliar a cultura geral dos leitores brasileiros. Naquela época, a única revista de divulgação científica que conhecíamos era a Ciência Hoje (CH), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A CH era publicada desde 1982, vendida em bancas, mas mantinha um perfil austero com textos e artigos de pesquisadores e pouco conteúdo jornalístico.

A Superinteressante se transformou em sucesso editorial e sempre esteve entre as revistas com maior tiragem da Abril, com circulação de cerca de 400 mil exemplares mensais. Durante esses anos, a revista passou por várias reestruturações do projeto gráfico, mas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, email: alesscar@gmail.com

guardou a identidade visual da capa, com pequenas modificações que seguem o projeto internacional da revista *Muy Interesante*, a inspiração da *Super*.

Em 1994 e 1995, realizei um estudo sobre *Superinteressante* como parte da pesquisa para o mestrado em comunicação, que resultou na dissertação “Ciência em revista: um estudo dos casos de *Superinteressante* e *Globo Ciência*”, defendida em 1996, na Universidade Metodista de São Paulo. Neste trabalho, descrevi o processo de concepção e elaboração da revista, analisei o conteúdo de 12 edições do ano de 1994, e entrevistei jornalistas que trabalharam e trabalhavam na redação. Com a chegada dos 25 anos de lançamento da revista, entendi que seria um bom momento para reavaliar o objeto. Portanto, o objetivo deste artigo é fazer uma revisão e estender parte do trabalho de 1994, partindo da comparação entre o que foi observado naquele ano e o que se faz nos dias atuais. Logo, pretendo retomar o olhar sobre o conteúdo e mostrar o que mudou e o que permanece no perfil editorial desta publicação jornalística que se tornou referência (quanto ao alcance e permanência no mercado) de divulgação científica no jornalismo brasileiro.

Acredito que a reavaliação do conteúdo da *Superinteressante* é importante, uma vez que (ainda) é a revista mensal de maior circulação no segmento que engloba notícias jornalísticas sobre ciência (416.153 exemplares³). Diante de transformações do mercado editorial e dos desafios apresentados por novos formatos e periodicidade de leitura promovidos pela web, é preciso observar o que sobrou do projeto inicial da revista nestas duas décadas e meia. Muitas críticas são feitas à linguagem dos textos da revista, a forma de abordagem dos temas, e principalmente que a publicação tornou-se mais uma fonte de curiosidades que de ciência e cultura. A crítica positiva que se coloca é de que, apesar de tudo, a revista consegue levar “um pouco” de informação científica com linguagem popular a leitores de variadas idades.

Para realizar a pesquisa no conteúdo atual, tomei como base os critérios de análise do trabalho anterior (CARVALHO, 1996), com avaliação de conteúdo em 12 edições. No entanto, estas edições são do período de junho de 2010 a junho de 2011 (excluí a edição de março, sem prejuízos para a conclusão) e não de um único ano. A coleta dos dados das

³ De acordo com o IVC de fevereiro/2012. Disponível em <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral>

edições recentes foi realizada com a colaboração de alunos da graduação em jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Analine Molinário, Andrezza Santos, Fernanda Magalhães, Ramon César e Isabella Oreiro, participantes do Laboratório de Pesquisa em Jornalismo Científico, realizado no segundo semestre de 2011.

Antes de partir para a comparação, primeiramente retomo aspectos da história da Superinteressante para depois apresentar os dados colhidos nos dois períodos de análise e, por conseguinte, a leitura e avaliação destas informações.

Um projeto internacional

No projeto original, a Superinteressante seria uma versão brasileira da revista espanhola *Muy Interesante*, que circulava em países europeus e latinoamericanos e era descrita como uma publicação de sucesso sobre cultura geral e curiosidades, com temas voltados às ciências físicas, biológicas, humanas, artes e atualidades. Mas com o passar dos anos, a revista ganhou identidade própria, sem deixar o vínculo com a publicação europeia.

As justificativas para o lançamento do produto no mercado editorial brasileiro apontavam-no como um meio de levar “cultura geral de forma prática e agradável, porém não superficial”, conforme informações obtidas no documento original, citado em CARVALHO (1996, p. 43). No projeto, um comentário pitoresco no tópico das justificativas é sobre os obstáculos ao incremento ou desenvolvimento da chamada cultura geral. Trabalho, escola e cotidiano corrido são colocados como locais ou tempo que não permitem o aprofundamento do cidadão em conhecimentos gerais. Então, a revista seria o canal para que o leitor pudesse buscar mais informações sobre determinados fatos ou coisas. A editora praticamente apresentava o produto como algo necessário para ajudar o brasileiro a superarem as falhas da educação nacional “cada vez menos rica em cultura geral” (citado por CARVALHO, 1996 p. 44).

O projeto mercadológico de Superinteressante deveria apresentar assuntos que seriam abordados de “forma intrigante, fundamentada e leve”. As matérias deveriam falar de Ciências Físicas e biológicas, Ciências Sociais, Misticismo, Atualidades, Outros. (esportes, música, artes, alimentação, saúde etc) e Brasil.

A idealização da revista, conforme o documento que apresentava o projeto, deixava clara a preferência por ciências, já que se pensava em ter ao menos quatro matérias sobre descobertas ou temas científicos. Para os outros eixos, havia a perspectiva de uma a duas matérias por edição.

A edição pioneira, de setembro de 1987, trazia um desejo de aceitação pelo mercado e por quem produzia e consumia novidades científicas. O jornalista Almyr Gajardoni, o primeiro diretor de redação da Superinteressante, em entrevista, disse que havia uma preocupação de reconhecimento pela escola. "Nós cuidamos de fazer uma revista realmente de divulgação científica, a gente tomou muito cuidado, para que os professores, a Universidade, os cientistas não nos denunciassem como uma coisa sem valor."(CARVALHO, 1996, p. 27).

Em 1994, houve a primeira grande mudança na proposta gráfica e editorial da revista. Além disso, Almyr Gajardoni foi substituído por Eugênio Bucci na direção da redação. Naquele ano, as imagens passaram a ser uma estratégia, eram vistas como um grande atrativo e diferencial da revista, por isso precisavam ser bem planejadas. Também neste período, começou o investimento maior de Super na infografia, pois Bucci acreditava que os infográficos deveriam ser usados (e bem usados) em todas as edições, sempre que a matéria precisasse (TEIXEIRA, 2010).

A radiografia da revista em 1994

Em janeiro de 1994, as seções que compunham a revista eram 12: Carta ao leitor, Notícias superinteressantes, Dois mais dois, Dito & Feito, Superbit, Superdivertido, Livros, Cartas dos leitores, Perguntas superintrigantes e Humor. Porém, em novembro do mesmo ano, aconteceram mudanças na estrutura da revista. O sumário passou a se chamar “Supermix” e foi reorganizado de modo a facilitar a leitura. A “Notícias superinteressantes” trocou o nome para “Supernotícias” e priorizou as imagens em detrimento do texto. Deixaram de ser publicadas “Livros”, “Humor” e “Superbit”. Foi criada a “Supermultimídia”. E aumentou o número de páginas de “Perguntas superintrigantes” de duas para seis. A seguir, faço um resumo da função ou objetivo de cada parte da publicação.

A “Carta ao leitor” era a apresentação da edição pelo diretor de redação;

A “Supernotícias” era um apanhado de notícias ou notas sobre pesquisa, invenções e curiosidades do mundo científico (5 a 7 páginas por edição). As informações eram na grande maioria originadas nos EUA;

A “Perguntas superintrigantes” trazia respostas às perguntas enviadas pelos leitores, geralmente com citação ou base em fontes especializadas. Era a seção mencionada em cerca de 80% das cartas enviadas. Em março de 1995, a redação de Super recebeu 2.801 cartas.(CARVALHO, 1996, p. 68);

“Cartas dos leitores” era onde publicavam as mensagens de elogio, reclamações, pedidos etc;

“Dois mais dois/ 2+2” era uma seção que tratava de assuntos matemáticos, jogos de lógica e história da matemática. O responsável era o Luiz Barco, professor da USP e colaborador da Super desde o lançamento;

“Universo” era a seção escrita por de um especialista em Astrofísica, que apresentava mapas do céu e texto sobre o assunto. Naquele ano, o responsável era Augusto Damineli Neto, professor da USP;

“Supermultimídia” era a seção que trazia comentários e notas sobre vídeos, filmes, *games*, CDs, outros produtos de tecnologia, ligados à ciência ou não;

“Superdivertido” era a seção dos jogos e quebra-cabeças. O texto era escrito pelo arquiteto Luiz Dal Monte Neto; e

A seção “Dito &Feito” trazia citações de pessoas famosas e contava um episódio da história da Ciência.

A radiografia da revista em 2011

O diretor de redação é Sérgio Gwercman, sexto nome a dirigir a Superinteressante, na função desde 2007.

Em 2011, a revista apresentava seções obrigatórias como carta do diretor de redação, cartas dos leitores, além de outras que descreverei abaixo. Não existem mais colunas ou seções escritas ou organizadas por especialistas. Existe apenas um texto assinado por um convidado, que é publicado em “Polêmica” e cujo autor varia a cada edição. A Superinteressante atual é muito mais complexa em relação às subdivisões, há mais seções e mais textos com infográficos, como descrevo brevemente a seguir.

O sumário chama-se “Cardápio” e traz duas formas de leitura: a tradicional com títulos e números da página; e outra com representação gráfica e colorida de assunto e o número das páginas, cada cor representa temáticas nomeadas pela revista como ciência, curiosidades, cultura, tecnologia, comportamento, história, atualidades e saúde. De acordo com um breve guia de leitura “cada círculo corresponde a uma reportagem da revista. [...] O tamanho de cada círculo corresponde à quantidade de páginas da reportagem”. (SUPERINTERESSANTE, ed. 292, p. 4).

“Escuta” é a carta do diretor de redação;

“Fórum” é a parte onde são publicadas as mensagens enviadas(cartas) pelos leitores;

“Digital” remete a páginas e conteúdos da revista na web, blog, perfil em redes sociais e formas de acessar pelo celular. Não existia uma correlata a esta em 1994.

A seção Supernovas se divide nas subseções “Supernovas”, “Essencial”, “Conexões”, “Ciência Maluca”, “Papo”, “Polêmica”, “Banco de dados” e “Infográfico”.

“Supernovas” são as notícias e notas sobre pesquisas e novidades científicas e tecnológicas. É a mesma ideia das “Supernotícias” do período anterior;

“Essencial” tem foco em assuntos da atualidade, nem sempre científicos;

“Conexões” é uma construção de ligação entre palavras como “THC a FHC”;

“Ciência Maluca” traz apenas curiosidades da ciência;

“Papo” é uma entrevista com alguém que se destaque por atuação em qualquer área.

“Polêmica” é um artigo assinado por alguém com destaque em qualquer área ou atuação (política, artes, meio ambiente etc);

“Banco de Dados” é um texto com infográficos, mapas e notas para visualização de dados sobre um único tema;

“Infográfico” é um texto em formato de infográficos ou infográficos.

A seção “Respostas” contém as subseções “Respostas”, “Pergunta sem resposta”, “Contém”, “Dicionário visual”, “Oráculo”, “Como funciona”, e “E se...”

A subseção “Respostas” traz soluções a perguntas aleatórias, curiosas, do cotidiano, sem necessidade de fundamento científico;

“Pergunta sem resposta” traz textos com temas incertos como “Maconha faz mal?”;

“Dicionário visual” explica o significado de um símbolo (caveira, arroba, tridente etc);

“Contém” descreve os elementos que compõem algum objeto como, por exemplo uma peruca;

“Como funciona” descreve visualmente e/ou verbalmente um processo ou ações em um local como uma sala de cirurgia;

“Oráculo” compõe-se de perguntas enviadas pelos leitores e respondidas com base em falas de especialistas. Semelhante à antiga seção “Perguntas superintrigantes”; e

“E se...” trata de uma situação hipotética sobre algo ou alguém que fez (ou não fez) algo importante na história.

A seção Superradar divide-se em “Tendências” (notas aleatórias), “Tech” (produtos, aplicativos), “Escolhas” (sugestões de livros, filmes etc) e “Manual” (uma página que orienta o leitor a alguma atividade como “Como salvar objetos molhados” com texto e figuras organizados de forma semelhante aos encontrados em manuais de equipamentos.).

Além das seções fixas, fazem parte da revista as matérias mais longas, geralmente reportagens escritas por jornalistas ou colaboradores, que contém de 4 a 16 páginas. A matéria com maior destaque na capa é sempre a que contém mais páginas (10 a 16). Na primeira análise (1994), não havia matéria de 16 páginas.

Análise comparativa dos conteúdos

No trabalho apresentado em 1996, diversos itens foram analisados, mas aqui realizarei somente a demonstração e comparação dos temas principais das capas, das chamadas secundárias e das matérias com mais páginas, bem como a origem dos assuntos, buscando com isso, identificar através da frequência de temas, a importância que a revista dá a determinadas áreas ou assuntos ligados ou não à ciência.

As três tabelas mostradas a seguir devem ser lidas observando o ano e a frequência dos temas nas edições estudadas. A organização dos temas foi feita de maneira decrescente em relação à frequência de maneira a facilitar a comparação.

a) As capas

Primeiramente, analisamos a capa de cada edição. O estudo sobre a capa da revista é importante, porque é por meio dela que acontece o primeiro contato do leitor com a

publicação. É a vitrine do impresso, que mostra para o público o que a redação considera como essencial e de maior destaque naquela edição.

Como apresento na Tabela 1, a Superinteressante em 1994 valorizava capas com fotos sobre animais, Astronomia/Astronáutica e Tecnologia. A foto do animal na capa, de acordo com depoimento dos diretores de redação (Carvalho, 1996) traz um apelo emocional, aproxima o leitor do material. Os dois temas seguintes eram atendidos também por seções fixas da Super como Universo e Supermultimídia e representavam futuro, progresso e desenvolvimento científico.

Em comparação, na amostra de 2010/2011, metade do material trouxe capas com fotos que remetiam a matérias sobre comportamento/psicologia, como exemplo, destaque “Homens X mulheres. Por que eles estão ficando para trás”, da ed. 292; “Amizade. Por que é impossível ser feliz sozinho”, da ed. 288; e “Tempo. Como controlar o seu”, da ed. 285. Em segundo lugar, aparece Ciência como sentido genérico, sendo o apelo nos termos do exemplo “A genética fracassou?”, da ed. 282, cuja ilustração é uma dupla hélice.

Tabela 1 – Tema/fotos das capas de Superinteressante

1994	Frequência %	2010/2011	Frequência %
Animal	29,16	Psicologia/ comportamento	50
Astronomia/ Astronáutica	20,83	Ciência	16,67
Tecnologia	16,67	História	8,33
Saúde/Medicina	12,5	Saúde/Medicina	8,33
Ciências Humanas	8,33	Ambiente	8,33
Física	4,17	Religião	8,33
Meteorologia	4,17	-	-
Matemática	4,17	-	-

Considerando a importância do conteúdo da capa, as chamadas secundárias (ou com tipologia menor) também foram analisadas. Na análise sobre os temas de 1994, “outros” referiam-se a assuntos do setor de curiosidades ou entretenimento. No estudo atual, preferi nomear cada um na descrição, até porque observei que mais de 20% dos títulos da capa fazem menção a “entretenimento”.

Na Tabela 2, é possível observar uma diferença bem evidente no desenho de como a revista se apresentava e como se apresenta hoje. No estudo de 1994, a revista destacava na capa especialmente temas referentes à pesquisa científica e acadêmica, sendo os mais freqüentes (com mais de 10%) Saúde/medicina, História, Astronomia/Astronáutica, Tecnologia e Zoologia. No estudo mais recente, os temas repetidos (mais de 10%) em ordem decrescente são Tecnologia, Entretenimento e Saúde/medicina. Ao mesmo tempo em que há uma variação de temas explorados no projeto editorial atual, o destaque dado a entretenimento pode sugerir a aposta naquilo que a revista considera como principal na linha de publicação.

Tabela 2 - Temas das chamadas secundárias de Superinteressante

1994	Frequência %	2010/2011	Frequência %
Saúde/Medicina	20,34	Tecnologia	21,92
História	16,95	Entretenimento	20,55
Astronomia/ Astronáutica	13,56	Saúde/Medicina	10,96
Tecnologia	11,86	Psicologia/ Comportamento	8,22
Zoologia	10,17	Economia	6,85
Paleontologia	6,78	Política	5,48
Meteorologia	3,39	Ambiente	4,11
Matemática	3,39	História	4,11
Geologia	3,39	Vida Animal	2,74
Psicologia	3,39	Astronomia	2,74
Outros	6,78	Religião	2,74
-	-	Esporte	2,74
-	-	Educação	1,37
-	-	Antropologia	1,37
-	-	Biologia	1,37
-	-	Ciência	1,37
-	-	Geografia	1,37

b) As principais matérias

Com o objetivo de construir o esqueleto editorial de Superinteressante e permitir a identificação das tendências de segmentação da revista, foi repetida a análise de conteúdo dos temas das principais matérias feita em 1994. É importante advertir que uma matéria nem sempre aborda um tema sob um mesmo ponto de vista, por isso, demonstro na análise atual todos os temas que aparecem com mais evidência nas matérias.

Para o exame recente, foram selecionadas as quatro matérias (ou retrancas) com maior número de páginas de cada edição. No total foram analisadas 60 matérias. O número de páginas de cada uma varia de 4 a 16. As matérias com 10 a 16 páginas são compostas por diversos textos. Por exemplo, o texto “Destino existe?” (ed. 287) tem abordagens nos campos de Física, Psicologia, História e Medicina.

O que considero bem surpreendente na comparação feita na Tabela 3, a seguir, é que a revista manteve uma consistência (no período comparado) sobre os temas preferidos para as reportagens com mais volume de páginas. Tecnologia, Saúde/Medicina e História apareciam como as principais em 1994. E o estudo atual Saúde/Medicina aparece na frente, e empatadas em segundo estão Tecnologia e Psicologia, sendo que História aparece em terceira posição. É possível observar ainda os temas citados com incidência bem semelhantes nos dois períodos.

Tabela 3 - Temas das matérias principais (com mais páginas)

1994	Frequência %	2010/2011	Frequência %
Tecnologia	16,10	Saúde/Medicina	16,67
Saúde/Medicina	15,25	Tecnologia	15
História	13,56	Psicologia	15
Ecologia/Zoologia	12,71	História	13,33
Astronomia/ Astronáutica	11,02	Entretenimento	8,33
Paleontologia	5,93	Ambiente	5
Geologia/geografia	4,24	Ciência	5
Matemática	3,40	Astronomia/ Astronáutica	3,33
Física	2,54	Religião	3,33
Química	2,54	Política	3,33
Meteorologia	2,54	Economia	3,33
Entrevista/Perfil	2,54	Educação	1,67
Outros	7,63	Antropologia	1,67
-	-	Biologia	1,67
-	-	Geografia	1,67

Outro item analisado sobre as matérias principais foi a origem das pesquisas ou assuntos reportados. Ressalto que todas as matérias são escritas por repórteres brasileiros, mas os

assuntos nem sempre são nacionais ou remetem a fontes brasileiras. Aponto esta diferença na avaliação mais adiante.

No estudo feito em 1994, verifiquei que um pouco mais da metade (55,08%) das matérias eram de origem internacional, enquanto 44,92% eram de origem nacional. Na análise feita em 2010/2011, detectei um crescimento na presença de fatos internacionais: 75% matérias são de origem internacional. Metade do total de matérias é baseada em casos dos Estados Unidos. Apenas 25% das histórias são de origem brasileira, embora em relação ao total 55% cite fontes brasileiras. O que percebemos em ambos períodos analisados é que muitas vezes o texto se baseia em um assunto internacional, mas há depoimentos ou avaliações feitas por fontes brasileiras sobre o caso em questão.

Perceber a mudança que se enxerga sobre os períodos comparados leva a algumas reflexões sobre o trabalho em Superinteressante. Nestes 25 anos, a revista privilegia ainda mais os fatos internacionais, tem explorado menos as histórias locais e usado as fontes brasileiras mais como comentaristas que como produtoras de informação. O entendimento dos motivos por que isso acontece carece de respostas mediante entrevistas com os jornalistas que trabalham na redação.

Sobre este aspecto, Tucherman, Cavalcanti e Oiticica, em estudo sobre Superinteressante, sugerem que “A ciência parece, muitas vezes, apenas dar ‘legitimidade’ aos assuntos abordados” (2010, p. 292). Concordo com esta observação, embora não seja meu interesse aqui fazer uma análise do discurso, mas é nítido que diversas matérias requisitam pesquisadores e professores brasileiros ou estrangeiros somente para avaliar uma hipótese, como por exemplo a matéria “E se dinheiro desse em árvore?” (ed. 283).

Outra observação livre, ou seja, sem sistematização, é que existem diversas matérias principais que se baseiam unicamente em livros. O texto do repórter é uma espécie de resenha ampliada e disfarçada, que apenas é percebida, caso você tenha lido o referido livro. A fonte bibliográfica é colocada nos créditos, como referência ou recomendação, sob a legenda “Para saber mais”.

Que critérios norteiam a seleção de matérias de Superinteressante? Para avançar um pouco sobre a análise de conteúdo feita em 1994, verifiquei os critérios de seleção de informações essenciais das principais matérias, a partir das classificações dada por Erbolato(1991) e Burkett(1990). Nesta identificação preliminar, observei que 27% das matérias podem ser qualificadas como de “interesse humano”; 17% enquadram-se no critério de “significado”; com 10,7% de frequência aparecem os critérios “proximidade”, “pioneirismo” e “curiosidade”. Outros critérios como “impacto”, “conflito”, “oportunidade” e “celebridade” aparecem com menos de 10%. Este tópico mereceria ser discutido em um outro momento, embora nos sirva agora como um resumo do que parece ser o foco da revista.

Considerações finais

Quando fiz a primeira pesquisa de 1994 a 1996, a Superinteressante tinha entre 7 e 9 anos e já era uma revista que suscitava opiniões polêmicas e controversas. Havia os fãs e os detratores dentro e fora da academia. Estive nos dois times em tempos diferentes. Para a pesquisa do mestrado, a análise descritiva foi alimentada pelo levantamento de documentos do projeto inicial, e das rotinas de produção da redação, ouvindo os jornalistas. Então, ao mesmo tempo em que compreendia a revista como um produto do mercado, também a criticava pela banalidade com que tratava alguns temas, mas reconhecia o esforço dos jornalistas para que a revista fosse respeitada. Mas o que dizer de uma revista que desde o início foi concebida para ser uma fonte de “cultura inútil, como observei no documento da Editora Abril? Ao mesmo tempo, como negligenciar um veículo que se espalha pelo Brasil inteiro, mantendo um tiragem alta e investindo em tecnologia gráfica?

Hojem a turma de críticos da Superinteressante cresceu, mas a outra turma que lê e consome a revista continua bem visível, se considerarmos que houve um equilíbrio nas vendas e que estas pessoas estão participando da publicação também pelos espaços da web e nas redes sociais. É uma revista viva a completar 25 anos em um segmento do mercado. Não dá para ignorá-la. E retomar a análise, atualizar a descrição para uma posterior identificação ou classificação da revista me levou a refletir novamente sobre a qualidade e valor do que é produzido pela Superinteressante.

Quando se comparam a quantidade de seções e os objetivos de cada uma, observamos que a revista ficou bem mais complexa em relação à outra época, quando era mais enxuta. Há

hoje muitas seções, algumas só trabalham com os assuntos aleatórios, forçando uma criatividade para alimentar a curiosidade ou “cultura inútil” como a “E se...” e “Conexões”.

A grande mudança da revista é observada nos assuntos das capas. Antes, a revista evidenciava assuntos ligados mais objetivamente às ciências, hoje procura atrair os leitores pelos “problemas comportamentais”, que podem ser resolvidos (ou não) e discutidos com base em estudos que vão da psicologia às neurociências. Teria Superinteressante embarcado na corrente do mercado que alimenta as questões da auto-ajuda? É uma hipótese.

Nas chamadas secundárias da capa, incidem os temas de tecnologia, entretenimento, saúde e comportamento/psicologia, enquanto na análise pioneira havia o destaque para saúde, história e astronomia. Os tempos mudaram e não se fala mais tanto em conquista do espaço. No entanto, as pessoas continuam interessadas em viver mais e nos avanços da medicina. Por outro lado, se excluirmos apenas saúde dos temas de capa, sobram tecnologia, entretenimento e comportamento, que parecem ser o eixo de trabalho mais importante de Superinteressante hoje. É importante lembrar que as seções e guias de uso e consumo de *gadgets* saiam na revista desde a primeira versão. Também no projeto inicial, a revista já trabalhava com seções de humor e jogos, mas chamadas sobre estes temas raramente apareciam nos temas de capa. Nas edições atuais, entretenimento aparece sob a retranca de “cultura” na revista, que é generalista, mas é conveniente.

Portanto, confirmo a percepção de que a revista abandonou temas de divulgação científica em detrimento de variedades e atualidades. Isto é percebido quando cruzo análises das reportagens e a relação das temáticas privilegiadas das capas. Ou seja, tecnologia, saúde e medicina, psicologia e comportamento são os temas mais fortes da Superinteressante. Eram também assuntos de destaques nos textos mais volumosos, em 1994, mas não havia tanta consonância com o que se usava para atrair o leitor na capa.

Este estudo sobre a estrutura da Superinteressante não pretendeu fazer questionamentos teóricos, mas sim aplicações da metodologia de análise de conteúdo para renovar conceitualmente a identificação de uma revista, em princípio vista como de divulgação científica. Por fim, recomendo caracterizar a revista como de divulgação cultural e de variedades, com apelo para questões científicas. De qualquer forma, ainda é possível dizer

que a Superinteressante está na lista de publicações brasileiras que leva a ciência para um público diversificado, mesmo que esteja sendo diluída a cada tempo do mercado.

Referências bibliográficas

BURKETT, W. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CARVALHO, A.P. **Ciência em Revista**. Um estudo dos casos de Superinteressante e Globo Ciência. 1996. Dissertação de Mestrado. Programação de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1996.

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 279-288, jun 2010/fev 2011; 290-292, abril-jun/2011.

ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

TEIXEIRA, T. **Infografia e Jornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2010,

TUCHERMAN, I; CAVALCANTI, C.C; OITICICA. L.T. Revistas de divulgação científica e ciências da vida: encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.33, n.1, p. 277-295, jan./jun. 2010